

COVID-19 e a Miatização da Religião: a fé no período de isolamento social¹

Lucas de Araújo Rocha CARVALHO²
Alan Soares BEZERRA³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

O período de isolamento social, provocado pela pandemia da Covid-19, gerou uma reconfiguração severa das práticas sociais. A mediação técnica e a migração dessas práticas para os ambientes virtuais marcaram profundamente todas as relações, inclusive a vivência das crenças religiosas. O presente trabalho visa observar essa reconfiguração, a partir das práticas pastorais da Arquidiocese de Maceió, sob a ótica das teorias da miatização, tendo como referência a Quase Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Através das entrevistas e dados obtidos pela pesquisa, pretendeu-se entender o que significou esse momento de mediação contingencial para a evolução do processo de miatização da religião no ambiente da Celebração Eucarística Católica.

Palavras-chave: Miatização; Miatização da Religião; Isolamento Social; Redes Sociais; Teletransmissão Sacramental;

Introdução

A pandemia de Covid-19 causou um impacto extremo nas relações sociais. Frente a uma sociedade largamente miatizada, onde emergem e solidificam-se meios de comunicação complexos e multiformes no ambiente de internet, a momentânea remodelação e adaptação das práticas sociais diversas evidenciou a capacidade abrangente das novas modalidades de mediação de criarem novas ambiências e formatos para costumes tradicionais.

As crenças religiosas, em especial o ritual da Missa católica, que é nosso objeto de análise, precisaram se adaptar à emergência da impossibilidade de presença física nos templos, principal característica de sua realização, gerando uma conjuntura sem precedentes de mediação técnica nessa ambiência social. Em momentos semelhantes na

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do 7º. semestre do Curso de Jornalismo do ICHCA-Ufal, e-mail: lucas.carvalho@ichca.ufal.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do ICHCA-Ufal, e-mail: alan.bezerra@ichca.ufal.br

história ocorreu apenas a supressão de uma prática rotineira e simbólica da sociedade, que permaneceu velada até a resolução das tensões sociais que à impossibilitaram. Porém, a aptidão semiótica desses ambientes virtuais, de se reconfigurarem e absorverem as práticas sociais, tornou possível que até esses momentos estritamente presenciais, com um significado profundo e concreto de experiência transcendental, fossem vividos virtualmente e sentidos concretamente pelos fiéis.

Objetivando revisitar os estudos que tratam do fenômeno da mediação da religião na sociedade moderna, à luz dos recentes acontecimentos, para entender a natureza e as consequências desse episódio, e contribuir com uma literatura atualizada acerca do tema, observaremos os efeitos dessa apropriação técnica e simbólica da mediação midiática a partir da mobilização das equipes de comunicação da Arquidiocese de Maceió, dentro do período do decreto de suspensão das celebrações com a presença dos fiéis, que durou do dia 20 de março ao dia 15 de agosto 2020.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório/explicativo buscando delimitar, registrar e analisar o fenômeno, entendendo suas causas e consequências (SEVERINO, 2007). Fez-se uso de um estudo de caso, entrevistas semiestruturadas e levantamento de dados, através de formulário digital, para encontrar demonstrativos claros da assimilação da lógica midiática e da apropriação técnica inédita na realização desse ritual, além da reordenação dos ambientes virtuais a partir das ações dos usuários em busca de sua experiência religiosa, mediada tecnocomunicacionalmente.

O conceito de mediação

A sociedade moderna é marcada por uma relação intrínseca com os meios de comunicação. O avanço da capacidade técnica e a ubiquidade da tecnologia mercadologicamente distribuída, a partir das relações de um mundo globalizado, criaram um ambiente antes impensável para um fluxo de informações em massa. O escopo das práticas sociais e dos hábitos humanos no século XXI é indissociável do uso constante das ‘Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TICs)’. É desse contexto, para dar conta das transformações vinculadas a “expansão dos meios técnicos”, considerando a influência mútua entre as “mudanças comunicativas dos meios” e as transformações das práticas sociais, que surge o conceito de mediação (GOMES, 2015, p.2).

Quando aludimos a esse fenômeno, tratamos do extenso caminho da evolução dos “vários tipos de mídia que usamos para expandir nossas possibilidades comunicacionais para além do aqui e agora” (HEEP, 2013, p.4, tradução nossa), enfocando nas transformações que os meios de comunicação de massa e a internet causaram no modo de viver e de se relacionar da sociedade. É um “fenômeno histórico” que se manifesta através de “processos midiáticos desencadeados por práticas sócio-comunicacionais de mediação cultural”. A midiatização “além de estar associada com as, e ocorrer por meio das, vai além das mídias”, assimilando também processos que “ocorriam historicamente fora das mídias” (BARDELOTTO, 2012, p.6).

Sobre esse conceito é possível distinguir, academicamente, duas vertentes que “divergem nos enfoques de como teorizar a midiatização” (HEEP, 2013, p.5, tradução nossa). A tradição “institucional” se concentra nos meios tradicionais de comunicação, na “lógica da mídia” e em como essa lógica passa a pautar as instituições historicamente definidas. Desse modo, a midiatização se manifestaria apenas quando “instituições tradicionais, e com ritos historicamente instituídos, passam a se submeter a algumas regras próprias dos meios de comunicação” clássicos. (SATUF; DIAS; SILVA, 2017, p.7) ”.

Em contrapartida, a “midiatização da vida cotidiana”, ou tradição “Social-construtivista”, leva em conta as práticas sociais comuns, frente às transformações relacionadas à mídia. Essa abordagem “investiga a inter-relação entre as mídias de comunicação e as mudanças socioculturais nas práticas comunicacionais do dia – a – dia”, considerando não apenas os “meios de comunicação de massa”, mas, principalmente, as “novas mídias: a internet e as comunicações móveis” (HEEP, 2013, p.7, tradução nossa).

A apropriação, por parte das instituições formais, de um ambiente virtual moldado pelas demandas e usos sociais cotidianos, necessita também levar em consideração a perspectiva social-construtivista, tendo em vista que as TICs, em conectividade constante a partir da ambiência da internet, se traduzem em desdobramentos socioculturais que fogem à abordagem institucional da midiatização. Por esse motivo, Heep, aliado a Krotz (2013), teórico que posiciona a midiatização como um meta-processo⁴ social, juntamente

⁴ “The concept “process” describes developments, but is usually defined as a temporal sequence of different states, which are assumed to belong together; (...) they are constructs which describe and grasp theoretically specific economic,

com a globalização, procura solucionar essa lacuna propondo a união das duas abordagens:

(...) devemos descrever os caminhos pelos quais a midiaticização funciona, através do que ocorre com a comunicação quando indivíduos, instituições e organizações usam a mídia, e se a sociedade e a cultura como um todo dependem de uma mídia específica (apud HEEP, 2013, p.7, tradução nossa).

As reconfigurações tecnológicas mais atuais e a lógica midiática a qual as organizações sentem a necessidade de absorver, não provem mais dos meios clássicos, onde o domínio de um equipamento exigia um grande investimento e criava uma comunicação unidirecional, dominada por quem possuísse o aparato específico. Agora, a Rede Mundial de Computadores (World Wide Web), “não é uma mídia no sentido que entendemos mídia de massa”. A internet é um “ambiente”, uma “incubadora de instrumentos de comunicação”. Sua principal característica é a “liberação do polo de emissão”, fomentando um fluxo bidirecional de informação, “sem controle de conteúdo”, gerando “novas formas de relacionamento social”, através de novas possibilidades de mediação (LE MOS, 2003, p.5). E ela não pode ser compreendida sem levar em conta o que seus usuários fizeram e fazem dela, cotidianamente.

Ao trazer o enfoque para o uso e para as mudanças relacionadas ao ambiente integrado da internet, “questiona-se sobre a forma como ela interfere nos outros meios e de que forma a midiaticização, a sociedade em rede, interferem em nossos sentidos particulares” (GOMES, 2015, p.12).

A fé mediada e a midiaticização da religião

Numa sociedade em processo de midiaticização, como descreve Miége (apud CORDEIRO, 2009), as práticas comunicacionais vão assimilando as lógicas da mídia e sendo assimiladas por diferentes possibilidades de mediação cultural, numa dupla influência entre as demandas sociais e o avanço técnico. Consequentemente, desde as

social and cultural dimensions and levels of the actual change; (...) But such a concept is not adequate for developments like enlightenment, industrialization, globalization, or individualization. Developments like these may last for centuries and are not necessarily confined to an area or a given culture” (KROTZ, 2007, p.2).

relações interpessoais e o consumo de conteúdos, até os costumes e hábitos sociais mais tradicionais, incluindo a vivência e a expressão das crenças religiosas, são assimiladas nesse processo. Nesse contexto, configura-se um novo gênero de interação comunicacional-religiosa, suscitada pela eclosão de novas ambiências sociais, onde é possível que se estabeleça uma interação entre o indivíduo e elementos da semântica religiosa. (BARDELOTTO, 2012).

O religar-se ao sagrado acaba também integrado à transformação do ecossistema sociocomunicacional, inserido na expansão tecnológica dos meios de comunicação. Seja pelo consumo de informações, como um repositório de referências e enunciados, ou como meio de extensão do espaço físico-geográfico (LEMOS, 2003), para participar e viver momentos de expressão de suas crenças a distância, essas ambiências virtuais são a expressão do fenômeno da midiatização da religião, onde, como descreve Bardelotto (2012), esta também gera sentido ao fiel a partir de um contexto midiático.

Essa associação técnica às práticas tradicionais de cunho religioso “não parece significar a completa alteração das lógicas da religião por conta da lógica da mídia”. As perspectivas se alternam entre contiguidade e resistência, de modo que se verifica a “manutenção das especificidades dos processos sociais frente aos processos midiáticos” (MARTINO, 2016, p.7). Assim, o que ocorre não é um aniquilamento das lógicas sociais, ou das práticas tradicionais, mas o desenvolvimento de novos lugares para sua vivência. Isso demonstra

(...) o papel central da técnica interposta nas interações sociais hoje, em que até mesmo o mistério do sagrado é revestido pela “transparência” da mídia – por meio da qual, embora mediado e midiatizado, o fiel pode compreender a sua relação com o divino como sendo “direta”, sem mediações. (BARDELOTTO, 2012, p. 13)

Catalisando essas transformações, o protagonismo das ambiências virtuais na vivência da fé, no contexto da emergência sanitária da pandemia de Covid-19, é um episódio ímpar no enraizamento sociocomunicacional dessa mediação midiática (MIÉGE apud CORDEIRO, 2009). Para observá-lo claramente, se fez necessário compreender o contexto religioso particular no qual nos aprofundamos, tendo em vista as especificidades das diferentes religiões, e das diferentes transformações simbólicas, que cercam a mediação de cada ritual. Do mesmo modo, também foi necessário delinear a ambiência virtual que se tornou ensejo para a continuidade desses preceitos durante esse período.

A Igreja Católica e os meios de comunicação de massa

Em razão do avanço dos meios de comunicação, a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) já se propõe a “rever os métodos, a procurar por todos os meios ao alcance, e a estudar o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã” (PAULO VI, 1975, n.3), desde 1975, quando o Papa Paulo VI declarou, na encíclica “*Evangelii Nuntiandi*”⁵, que em um século tão marcado pelos “meios de comunicação social, (...) o aprofundamento ulterior da fé não podem deixar de se servir destes meios” (PAULO VI, 1975, n.45).

Entretanto, a utilização dos meios de comunicação não significou a migração da do seu rito principal para a mediação midiática, tendo em vista que essa modalidade de exercício mediado da fé até hoje é posta em discussão sobre sua validade, junto a imprescindibilidade da convivência dos fiéis em suas comunidades territoriais. Apesar da transmissão do rito romano da Missa católica, celebrado ao vivo, ser, nas últimas décadas, uma realidade expressiva, principalmente através das redes de televisão dessa denominação, essas transmissões são acessórias ao paradigma da vivência da fé do católico. A instituição se estrutura, de fato, a partir da autoridade papal administrada em um determinado território por um “bispo diocesano, que deve ser considerado como o sumo sacerdote do seu rebanho e de quem depende e deriva, de algum modo, a vida dos seus fiéis em Cristo” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2003, n.387). Essa autoridade territorial se divide ainda em paróquias, que consistem em comunidades de fiéis solidamente constituídas, onde a autoridade do bispado se confia à um sacerdote tido como pároco⁶.

É o pároco o responsável pelas celebrações no território sob sua autoridade, e por executar, em suas paróquias, a autoridade do bispo diocesano. Cabe a ele a liderança de todas as atividades ligadas a ICAR, levantadas, em geral, por seu grupo de fiéis – os paroquianos. Ao presente estudo cabe entender essa ramificação hierárquica, uma vez que

⁵ Disponível em:

http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 12/09/2020

⁶ Disponível em:

<https://www.acidigital.com/noticias/vaticano-incentiva-paroquias-a-relancar-a-missao-evangelizadora-da-igreja-11173>. Acesso em: 15/09/2020

o fenômeno da midiática da Santa Missa, observado sob o período de fechamento das igrejas, se deu nessa esfera capilarizada da comunidade, administrada regionalmente.

A liberação dos polos de transmissão e a ubiquidade comunicacional das TICs, enraizadas na sociedade onde essas paróquias estão inseridas, possibilitou o aparelhamento técnico e a apropriação das semânticas midiáticas dos veículos digitais, no ambiente das redes sociais, onde a comunidade de fiéis pode manter a prática da sua fé e o contato com o sagrado através da transparência da mídia (BARDELOTTO, 2012).

A ambiência das redes sociais

Para compreender as especificidades da internet é necessário ter em mente que nela “não há vínculo entre o instrumento e a prática” (LEMOS, 2003, p.5). Na variedade de funções e navegações possíveis que se cria através da World Wide Web, acessando os fluxos contínuos de informações da internet, cada aplicativo, site ou blog, oferece diferentes suportes e funcionalidades ao seu usuário, gerando diferentes relações. E as redes sociais se destacam nesse ecossistema.

Como esclarece Vassallo (2012), o uso corrente do termo “redes sociais”, no universo da internet, designa redes de contatos formadas por interações sociais mediadas por dispositivos conectados à internet. São ambientes de compartilhamento de informações e vivências entre diferentes usuários, que estabelecem uma teia de relações entre si. Essa funcionalidade permite conhecer indivíduos com interesses em comum e estabelecer laços, a partir de diferentes interações entre os vários usuários, se revelando “vetores de agregação social, de vínculo comunicacional e de recombinações de informações, as mais diversas, sobre formatos variados” (LEMOS apud VASSALLO, 2012, p.32).

A formação do ecossistema das redes sociais partiu de diversas iniciativas e serviços. Hoje, elas figuram como expressão prática da globalidade prevista por McLuhan (apud COHN, 1987). São ágoras virtuais (BURGESS et al., 2009), praças no centro da aldeia global (KIRKPATRICK, 2011). Representam a utilização hegemônica das tecnologias digitais no cotidiano da sociedade, a partir das lógicas que se estabeleceram ao longo do amadurecimento desse tipo de serviço.

Entre as leis que regem esse universo em particular, Kirkpatrick destaca a noção de “efeito de rede” ao estudar o protagonismo do Facebook, em 2011. Ele consiste na

noção de que, uma vez instituída uma rede social que agregasse um maior número de pessoas, os usuários não estariam interessados em multiplicar diversos perfis em redes diferentes. Isso garantiria o protagonismo exponencial da rede que conseguisse assumir essa convergência.

Nesse sentido, o cenário das redes sociais no Brasil se desenha em cima do arcabouço de uma sucessão de marcas que se estabeleceram e pelos quais migraram a dominância dos usuários, culminando no cenário atual das empresas que predominam entre os internautas. A noção desse processo justifica as escolhas tomadas para alcançar os fiéis em isolamento social.

Destacam-se, para a presente análise, três desses serviços: O Instagram, que após ter sido adquirido pelo Facebook em 2011⁷, cresceu em funcionalidades e foi palco da imigração do público que evadiu do próprio comprador, gerando um dos ambientes virtuais sociais mais relevantes nos dias de hoje; o próprio Facebook, que desde sua criação alavancou as funcionalidades e a importância das redes sociais em todo o mundo, na intenção de se tornar um monopólio, o que ainda lhe garante o primeiro lugar⁸ entre as redes sociais com maior número de usuários ativos no mundo, mesmo tendo em vista as mudanças comportamentais que evadiram o público jovem para outras plataformas; e o Youtube, um serviço responsável, por sua vez, por transformar “definitivamente a nossa maneira de absorver conteúdo”, se tornando o “maior aglutinador de conteúdo de mídia de massa da internet no início do século XXI” (BURGESS et al., 2009, p.9). Serviço esse que, uma vez adquirido pela Google em 2006, unificou seu login à conta da empresa e se solidificou como plataforma de consumo de vídeo e streaming predominante no consumo de conteúdo online, com a formação de “comunidades”.

Para a geração que já cresceu inserida nesse cenário, as redes sociais são tão comuns e importantes como as práticas sociais analógicas. No contexto do isolamento social de 2020, elas ganharam um protagonismo ainda maior nas relações sociais, e também na vivência da fé mediada pelas TICs, possibilitando manter as comunidades e identidades territoriais, como observa Marcos Kalil, em artigo publicado no Vatican News:

⁷Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>. Acesso em: 12/09/2020

⁸ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 12/09/2020

Durante o isolamento, os fiéis recorreram às páginas e aos perfis de suas paróquias, e não aos canais de televisão católicos com mais estrutura, porque há ali uma dimensão de afetividade e de vivência da fé que apenas a autenticidade de suas comunidades poderia oferecer (2020, n.p.).

O aparelhamento técnico na Arquidiocese de Maceió

“A pandemia por Covid-19 representa um dos maiores desafios sanitários em escala mundial desse século” (BARRETO, M.L. et al, 2020, p.1). O surto de Coronavírus que se alastrou pelo mundo interditou países, impactou a normalidade da vida de todas as pessoas, e mostrou o despreparo da administração pública para lidar com a emergência sanitária repentina e devastadora que se estabeleceu. No momento desta publicação os números já arrefecem, e após seis meses de isolamento social, os serviços e estabelecimentos vêm aos poucos reabrindo para o público⁹.

Mesmo que momentos de calamidade pública e de tensão social como esse, que impactam e restringem as relações sociais, não sejam inéditos na história da humanidade, a aplicação dessa realidade a uma era de ubiquidade tecnocomunicacional e interconectividade constante pode vir a ser um catalisador na direção de uma sociedade ainda mais intrínseca e dependente dessa conectividade.

No dia 20 de março de 2020, de acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde, o estado de Alagoas declarou situação de emergência de saúde pública de importância internacional¹⁰, suspendendo o funcionamento de uma série de estabelecimentos no território do estado, entre eles os templos religiosos. Em consonância, Dom Antônio Muniz, arcebispo de Maceió, emitiu decreto suspendendo todas as celebrações com participação dos fiéis, declarando que “as Santas Missas, especialmente no Dia do Senhor, Domingo, serão celebradas a portas fechadas, pelo sacerdote, (...) sendo transmitidas, ao vivo, via internet”¹¹, suspendendo também todas as demais atividades paroquiais.

A partir disso, se seguiu um movimento de “virtualização das celebrações e de reposicionamento das práticas pastorais”, transformando o ambiente das redes sociais em

⁹Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/07/31/arquidiocese-de-maceio-anuncia-que-igrejas-vaoreabrir-no-dia-15-de-agosto.gh.html>. Acesso em: 12/09/2020

¹⁰ Disponível em: http://www.imprensaoficialal.com.br/wp-content/uploads/2020/03/DOEAL-20_03_2020-SUPLEMENTO.pdf. Acesso em: 12/09/2020

¹¹ Disponível em: <https://www.centenarioarqmaceio.com.br/noticias/decreto-determinacoes-pastorais-a-partir-da-pandemia-do-novo-coronavirus-covid-19/>. Acesso em: 12/09/2020

“canais pelos quais não só a sacramentalidade era erigida, mas também a pertença comunitária das igrejas podia ser vivenciada” (KALIL, 2020, n.p.).

Para compreender como se deu o processo de aparelhamento técnico e de reconfiguração da prática ritualística da Santa Missa, bem como o que isso significa do ponto de vista comunicacional para a midiaticização dessa prática, realizamos um estudo de caso: verificamos, dentro da abrangência da autoridade bispal supracitada, como esse reposicionamento transcorreu e quais transformações se verificou na semiótica litúrgica durante esse episódio de mediação forçosa, erigido por uma calamidade, de julho a setembro de 2020.

Foi realizada observação *in loco* e entrevistas, acompanhando três transmissões ao vivo, nos dias 29 de julho e 02 de agosto, com a equipe de comunicação da Quase Paróquia Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro do Feitosa, na capital Alagoana, sob a autoridade de seu Pároco, o Pe. Francisco Guido. Colheu-se os relatos dos responsáveis pelas transmissões e do próprio padre. Posteriormente, entrevistou-se também a funcionária responsável pelo setor de comunicação da Arquidiocese, elaborando, a partir daí, um formulário digital, lançado junto a Pastoral da Comunicação Arquidiocesana (Pascom) – grupo de trabalho que se apoia em diretrizes nacionais e trabalha nas demandas de comunicação, instituindo agentes e realizando formações em cada paróquia¹² – para mapear esse reposicionamento a nível arquidiocesano.

Levantou-se os dados de 51 paróquias, recebidos até o dia 11 de setembro, que trataram dos portais e aparelhos utilizados, das mudanças que ocorreram a partir da necessidade das transmissões e da audiência e seguidores dos perfis que possuem, em um comparativo com o período anterior ao fechamento. Essas informações puderam então ser tabeladas e cruzadas para compreensão clara do fenômeno.

O Instagram foi o principal portal utilizados para as transmissões, acumulando 89,8% de usabilidade. Em seguida o Facebook, usado para transmissão por 75,5 % das equipes que responderam à pesquisa. E por fim o Youtube, alcançado por 61,2% das equipes que puderam se aparelhar e construir uma comunidade de ao menos 1000 inscritos¹³. Vale salientar que 80% das paróquias que disseram usar o Youtube criaram,

¹² Disponível em: <http://www.santuariodeaparecidarp.com.br/o-que-sao-pastorais>. Acesso em: 12/09/2020

¹³ Disponível em:

<https://support.google.com/youtube/answer/2853834?hl=ptBR#:~:text=Para%20transmitir%20ao%20vivo%20em,pelo%20computador%20e%20pela%20webcam>. Acesso em: 12/09/2020

ou movimentaram uma conta existente que não era utilizada, a partir da pandemia. Muitas transmitiram simultaneamente em mais de um desses ambientes.

A partir do contato com Maria Cícera da Silva, coordenadora da comunicação arquidiocesana, pôde-se compreender a abrangência do decreto de fechamento expedido no dia 20 de março: são 37 municípios divididos em 102 paróquias instituídas ou ainda em fase de formação (“Quase Paróquias”). Delas, apenas 8 não estavam com equipe de comunicação instaurada e em contato com as orientações da arquidiocese. Outras 5 instituíram equipe de comunicação emergencial para estar em conjunto com os trabalhos de transmissão das celebrações. As demais já possuíam equipes da Pascom instituídas anteriormente (informação verbal)¹⁴. A coordenadora destacou que

Paróquias com Pascom, ou equipes de comunicação e/ou as pessoas que os padres designaram, foram sempre orientadas pela Comissão Arquidiocesana quanto às transmissões e produção nas mídias. (...) O trabalho de lives ou transmissões das missas já acontecia antes da pandemia. O que vejo é que essa situação trouxe uma visão diferente das pessoas em relação à comunicação da Igreja. Todos são voluntários, poucos são da área de comunicação social, mas isso não os impede de aprender e avançar.

Nas redes sociais, os perfis oficiais da Arquidiocese apresentaram um crescimento de cerca de 46% em número absoluto de seguidores e somaram, junto às paróquias que colaboraram com a pesquisa, uma audiência média de 5.808 dispositivos conectados, todos os domingos.

O ocorrido foi que, com a ambiência dos portais de interação social sob efeito de rede no Brasil, onde também as paróquias já estavam inseridas usando seus perfis para divulgação de eventos e compartilhamento de registros dos acontecimentos mais relevantes, o movimento de mediação da Celebração Eucarística se deu inteiro dentro desse ambiente já existente, estruturando-se nas especificidades de cada uma das equipes. Um aprimoramento técnico para a transmissão se refletiu em 42,9% das paróquias analisadas. Outros 34,7 % nunca haviam sequer transmitido antes da pandemia.

Na Quase Paróquia Nossa Senhora de Fátima, a prática da transmissão da Santa Missa ocorria apenas em ocasiões especiais, através do perfil da paróquia no Instagram. A partir de 20 de março, a paróquia passou a promover uma transmissão dominical, única,

¹⁴ Entrevista concedida por SILVA, Maria Cícera da. Entrevistador: Lucas de Araújo Rocha Carvalho, Maceió, 2020.

já se estabelecendo num lugar alternativo, o sacrário, que consiste num ambiente menor, retirado do altar principal da igreja, com limitação do equipamento naquele momento.

Posteriormente, a equipe migrou para um outro ambiente adaptado, ainda dentro do templo, onde foi criado um novo espaço para a celebração, com os elementos significativos para a Missa numa escala adequada à transmissão, entre objetos e móveis que compõem o ambiente litúrgico da celebração. Deslocamentos e alterações espaciais, em diferentes escalas, foram registrados por cerca de 30% das equipes (o próprio bispo passou a celebrar e transmitir diariamente, de sua própria casa). Também se adquiriu fontes de iluminação, artesanais, e um ambiente para todos os controles e equipamentos necessários à transmissão que foram sendo obtidos, a partir de campanhas junto aos fiéis. Segundo Cristiano França, membro da Pascom paroquial, foram etapas subsequentes de aquisição de aparelhos e de melhorias na transmissão, com métodos que foram sendo aprendidos ao longo desse processo (informação verbal)¹⁵.

O canal no Youtube¹⁶, em nome do pároco, criado em 13 de abril, já soma 2,34 mil inscritos. A equipe se adaptou para fazer a transmissão simultânea através do Instagram e do Youtube, duas vezes por domingo. Essas transmissões seguiram a tendência do observado no dia 02/08/2020, às 18 horas, principal horário, quando obtiveram um alcance de 174 visualizações, somadas a mais 70 no Instagram, em 1 hora e 20 minutos de transmissão. A transmissão da manhã (às 8 horas) registrou por sua vez uma audiência de cerca de 58 dispositivos. A transmissão da missa diária também passou a ser realizada, mas os domingos acumularam as maiores audiências.

Pe. Francisco Guido salientou que na compreensão católica dos “efeitos espirituais” da Celebração Eucarística, o rito sempre atinge a todas as pessoas em escala global, tendo validade para a “salvação e redenção de toda a criação”, mesmo que o padre celebre sozinho. Por isso a possibilidade de vivê-la a distância pôde ser atribuída nesse momento. Outros rituais não poderiam se dar dessa forma (informação verbal)¹⁷.

O CIC (2000, n.2183) prevê que sendo impossível a participação na celebração eucarística dominical, que é um preceito, os fiéis dediquem um tempo do seu domingo a cumprir a intenção de dedicar aquele dia ao contato com o divino, “conforme a oportunidade”. Com a possibilidade de acompanhar a liturgia dominical através da

¹⁵ Entrevista concedida por FRANÇA, Cristiano. Entrevistador: Lucas de Araújo Rocha Carvalho, Maceió, 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCp1HQmsAKf84Ch1-S9K6VKg>. Acesso em: 12/09/2020

¹⁷ Entrevista concedida por SILVA, Francisco Guido da. Entrevistador: Lucas de Araújo Rocha Carvalho, Maceió, 2020.

internet, o fiel pode estar em comunhão com o que era celebrado. Contudo, “existe um intermédio, que é a mídia. Não se pode dizer que é a mesma coisa”, argui o pároco. São essas aceitações e diferenças com a mediação midiática, que ainda caracterizam a compreensão sobre a transmissão da Santa Missa.

Considerações finais

Apesar de episódica, a usabilidade religiosa adquirida pelas plataformas apontadas, não apenas reconfigurou sua função original, como criou um ambiente novo e momentâneo que antes não pertencia à esfera digital. Logo retornando à reabertura parcial dos templos religiosos, essa ambiência criada se desfez visivelmente.

Mesmo assim, ao observar esse processo, constata-se como se desenvolveram os serviços das redes sociais e como esses meios se enraizaram no processo de midiatização das práticas sociais modernas. Delineando também a imagem do ecossistema virtual que se solidificou ao longo dos anos, e muito mais durante esse período, onde uma série de usuários se apropriaram da usabilidade desses meios e criaram, ou reconfiguraram, comunidades virtuais significativas.

O cenário ciberespacial das relações interpessoais na atualidade, e o uso desse ambiente pelos usuários, definiram o protagonismo que esses portais obtiveram dentro de um contexto de impossibilidade de contato real. O espaço que se formou, entre os dias 20 de março e 15 de agosto, foi palco de relações mediadas que se solidificaram, reconfiguraram, e surgiram, para atender às demandas suscitadas pela sociedade nesse momento. E a convergência social, nessas redes em questão, foi fator decisivo para o seu uso massivo.

Por mais centralizada e tradicional que seja a Igreja Católica, com um sistema hierárquico e um código extremamente sistematizado de seus ritos, essa administração, fragmentada territorialmente, diversifica as vivências e as situações. Uma perspectiva institucional, onde uma organização se apropria dos meios de comunicação de massa não caberia, uma vez que esse movimento foi feito de uma maneira segmentada e individual, por cada equipe de comunicação com suas comunidades, num ambiente midiático democrático, distribuído em diferentes polos de emissão, com diferentes características.

Esse ambiente virtual foi o meio dos católicos seguirem com o compromisso em que culmina toda a sua fé. E, com o avançar dos meses, um movimento claro pode ser

registrado. Não apenas se pôde assistir à criação de um lugar virtual sagrado, através das redes sociais, como essa demanda redesenhou todas as atividades paroquiais, as práticas oracionais, e os fluxos individuais de acesso e uso das redes sociais, demonstrando a sua potencialidade de ressignificar e criar novas experiências sociais, se tornando, como Lemos (2003) enunciou, uma forma de escapar das limitações espaço-temporais, “rumo à extensão da consciência” (MCLUHAN apud GOMES, 2015, p.13).

Essa apropriação orgânica, e única, das redes sociais para a migração de uma prática estritamente tradicional, analisada e desenhada pela presente pesquisa, pode assim ser entendida como catalizador de novas práticas paroquiais, associadas ao uso das TICs, apontando para um salto na reconfiguração e expansão do uso das mídias e da tecnologia digital no *modos operandi* desse grupo social.

Contudo, a persistência na compreensão da necessidade física e na certeza de momentaneidade desse período de protagonismo de uma missa a distância, ainda discorda de uma reconfiguração completa das práticas sociais, como apontado por teóricos como McLuhan, no princípio da compreensão do processo de mediatização. Ainda assim, o episódio observado abriu precedentes que não poderão mais ser esquecidos, e que se estabelecerão como possibilidades e formatos acessíveis e consistentes a partir de agora.

REFERÊNCIAS

- BARRETO ML, et al. **O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil?**. Rev Bras Epidemiol, Rio de Janeiro, vol.23, apr. 2020.
- COHN, G. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: TA-Queiroz, 1987.
- GOMES, P.G. **Mediatização: um conceito, múltiplas vozes**. Revista Famecos, Rio Grande do Sul, v. 23, n. 2, p. ID22253, mar. 2016.
- GREEN, J; BURGESS, J. **Youtube e a Revolução: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Editora Aleph. 2009.
- HEPP, A. **The communicative figurations of mediatized worlds: mediatization research in times of ‘mediatization of everything’**. European Journal of Communication, 28(6), p. 615–629, set. 2013.
- JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.
- KALIL, M. **“Teletransmissão dos sacramentos”: desafio da vida paroquial durante a pandemia**. Vatican News. 8 jul. 2020. Disponível em:

<<https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2020-07/coronavirus-artigo-desafio-paroquias-teletransmissao-sacramentos.html>>. Acesso em: 12 set. 2020.

KIRKPATRICK, D. **O efeito facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2010.

KROTZ, F. **The meta-process of mediatization'as a conceptual frame**. Global media and communication, v.3, n. 3, p. 256-260, dez. 2007.

KROTZ, F; HEPP, A. **A concretization of mediatization: How ‘mediatization works’ and why mediatized worlds are a helpful concept for empirical mediatization research**. In HEPP, A. **The communicative figurations of mediatized worlds: mediatization research in times of ‘mediatization of everything’**. European Journal of Communication, 28(6), p. 615–629, set. 2013.

LEMOS, A. **Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época**. in LEMOS, A; CUNHA, P (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003.

LEMOS, André. **Você está aqui! Mídia locativa e teorias “Materialidades da Comunicação e “Ator-Rede”**. In PIZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno Instagram: considerações sobre a nova perspectiva tecnológica**. 2012. 48. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MARTINO, L.M.S. **Mediatização da religião e Estudos Culturais: identificando diferenças a partir de Stuart Hall**. MATRIZES, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 143-156, dez.2016.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. In GOMES, P.G. **Mediatização: um conceito, múltiplas vozes**. Revista Famecos, Rio Grande do Sul, v. 23, n. 2, p. ID22253, mar. 2016.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. Vaticano: 1975. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

PIZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno Instagram: considerações sobre a nova perspectiva tecnológica**. 2012. 48. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Instrução geral sobre o Missal Romano (IGMR)**, in: Missal Romano, Paulus - Vozes, 2003.

SATUF, I; DIAS, C.R.A; SILVA, J.E.F. **Da fé mediada ao fiel mediatizado: ubiquidade comunicacional nas romarias de Juazeiro do Norte**. In: XIII ENECULT-Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2017, Bahia. Anais eletrônicos. Ufba, 2017. Disponível em: <http://www.xiiienecult.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=87096.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

SBARDELLOTTO, M. **Entre o social e a técnica: os processos mediatizados do fenômeno religioso contemporâneo**. Revista Ação Midiática, Paraná, v. 2, n. 1, p. 1-16, jan/jun.2012.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.